

Davi *versus* Golias – A resistência dos não-humanos no processo de tradução: o caso do desinteressamento do novo coronavírus

EDUARDO GUEDES VILLAR ¹KARINA DE DÉA ROGLIO ²MARCOS VINÍCIUS PEREIRA CORREA ³RODRIGO SEEFELD ²¹ UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU (FURB), BLUMENAU – SC, BRASIL² UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), CURITIBA – PR, BRASIL³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR), PARANAGUÁ – PR, BRASIL

Resumo

Com base na sociologia da tradução, estudamos o caso extremo do novo coronavírus para explorar o papel dos não-humanos nos processos relacionais. Procuramos compreender como líderes de três países tentaram, num processo de tradução, tomar a voz do novo coronavírus, e como o vírus resistiu à imposição de papéis por parte dos atores humanos do estudo. Por meio da análise de declarações, entrevistas e postagens em mídia social destes líderes, sugerimos o processo de desinteressamento, em quatro movimentos. Como contribuição, mostramos como o agente não humano (i) é ativo em termos de participação no processo de tradução, e (ii) possui recalcitrância, pois resistiu aos papéis que lhe foram impostos.

Palavras-chave: Atuantes não humanos. Desinteressamento. Pandemia da COVID-19. Sociologia da Tradução.

David versus Goliath – The resistance of non-humans in the translation process: the case of the new coronavirus disinterestment

Abstract

Based on the sociology of translation, we studied the extreme case of the new coronavirus to explore the role of non-humans in relational processes. We seek to understand how leaders of three countries tried, in a translation process, to take the voice of the new coronavirus and how the virus resisted the imposition of roles by the human actors of the study. Through the analysis of the leaders' statements, interviews, and social media posts, we suggested the process of disinterestment, in four movements. As a contribution, we show how the non-human actant (i) is active in terms of participation in the translation process, and (ii) resisted the roles imposed.

Keywords: Non-human actants. Disinterestment. COVID-19 Pandemic. Sociology of Translation.

David contra Goliat – La resistencia de los no humanos en el proceso de traducción: el caso del desinterés por el coronavirus

Resumen

Basándonos en la sociología de la traducción, estudiamos el caso extremo del nuevo coronavirus para explorar el papel de los no humanos en los procesos relacionales. Intentamos entender cómo los líderes de tres países intentaron, en un proceso de traducción, tomar la voz del nuevo coronavirus, y cómo el virus resistió a la imposición de roles por parte de los actores humanos en el estudio. A través del análisis de declaraciones, entrevistas y publicaciones en redes sociales de estos líderes, sugerimos el proceso de desinterés, en cuatro movimientos. Como aporte, mostramos cómo el agente no humano (i) es activo en cuanto a participación en el proceso de traducción, y (ii) es recalcitrante, porque resistió los roles que le fueron impuestos.

Palabras clave: Actores no humanos. Desinterés. Pandemia de COVID-19. Sociología de la traducción.

Artigo submetido em 08 de janeiro de 2021 e aceito para publicação em 05 de julho de 2021.

[Versão traduzida]

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120210003>

INTRODUÇÃO

“Isto vai acabar com a humanidade sendo vitoriosa sobre outro vírus, não há dúvida sobre isso”
(Bruce Aylward, Consultor Sênior do Diretor-Geral da OMS, 2020).

“A epidemia é mais rápida que a nossa burocracia” (Angelo Borelli, Chefe da Defesa Civil Italiana, 2020).

“Esse vírus não negocia com ninguém. Não dá atenção a ninguém. Todas as pessoas que ficaram no seu caminho foram sobrepassadas pelo vírus” (Luiz Henrique Mandetta, Ex-Ministro da Saúde do Brasil, 2020).

A ação recente do SARS-CoV-2 (novo coronavírus daqui em diante), apesar de trágica em seus efeitos (Ali, 2020), é uma oportunidade para investigar a participação de elementos não-humanos nas relações organizativas de diferentes sistemas sociais. Particularmente, o esforço de tradução realizado para estabelecer-lhe um papel e falar em seu nome. Conforme Callon (1986, p. 14), falar em nome de entidades que não possuem uma linguagem articulada (e.g., novo coronavírus), supõe “a necessidade de ajustes e dispositivos de interesse contínuos, infinitamente mais sofisticados”.

O novo coronavírus foi identificado pela primeira vez em 31 de dezembro de 2019 em Wuhan na República da China (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2020). Em 11 de março de 2020, os elevados níveis de disseminação do vírus e a severidade da doença causada por ele, levaram a Organização Mundial de Saúde (OMS daqui em diante) a declarar a COVID-19 (doença respiratória causada pelo novo coronavírus) como uma pandemia (OMS, 2020). Desde então, o novo coronavírus provocou transformações na vida das pessoas, e teve repercussões sociais, econômicas, políticas e culturais nos mais diversos sistemas sociais.

Nos estudos organizacionais, apesar de uma relativa aceitação do papel e da participação de não-humanos (e.g., artefatos, ferramentas, teorias) (Woolgar, Coopmans & Neyland, 2009), os estudos ainda estão essencialmente centrados no ser humano (e.g. ausência de simetria), ou consideram questionável (irreal) a relação entre humanos e não-humanos (e.g., simetria absurda) (McLean & Hassard, 2004). Além disso, os estudos exploraram ingenuamente a participação de não-humanos no processo de ação, para além de seu uso instrumental ou condicionado (Law & Singleton, 2005). Como afirma Latour (2000, p. 117), “as coisas são injustamente acusadas de serem apenas ‘coisas’”.

Neste estudo, buscamos entender como líderes de três países (Brasil, Itália e Estados Unidos) tentaram, em um processo de tradução, assumir a voz do novo coronavírus; e como o vírus resistiu aos movimentos de imposição de papéis por parte desses líderes. Latour (1992) sugere que fazer o pequeno (e.g., novo coronavírus) mais forte que o grande (e.g., países, governos e macro-atores), não é apenas uma questão de simetria analítica, mas certamente também uma questão moral, assim como na história de Davi e Golias.

Baseados na Teoria Ator-Rede (ANT daqui em diante) (Blok, Farias & Roberts, 2020; Latour, 2005), adotamos as lentes da sociologia da tradução, que dá espaço para uma análise mais profunda da participação de não-humanos. Essa perspectiva permite a compreensão do processo de produção e estabilização das entidades não-humanas em sistemas heterogêneos de relações (Alcadipani & Hassard, 2010; Lee & Hassard, 1999).

Exploramos, teoricamente, um caso de *desinteressamento*¹, no qual o processo de tradução não ocorre de forma humana ou politicamente bem ajustada, ou ainda, não atinge um “fim” bem estabilizado e convergente como sugerido por Callon (1986). No processo de desinteressamento – em oposição ao interessamento (Akrich, Callon, Latour & Monaghan, 2002) – mostramos como o vírus resistiu relacionalmente às ofensivas de atores humanos na tentativa de impor papéis e identidades a ele.

REVISÃO DE LITERATURA

Na ANT, há uma mudança ontológica de entendimento do social (Lee & Hassard, 1999; Tonelli, 2016), baseada na ideia de que a sociedade é composta, feita, construída, estabilizada, mantida, (re)montada e contestada (ver Latour, 2005 para uma explicação excepcional). Além disso, o social não pode ser tomado como uma fonte de causalidade que explica a existência e a estabilidade de alguma outra ação ou comportamento (Cavalcanti & Alcadipani, 2013; Law, 1992). Uma vez que a sociedade não se refere mais a uma substância ou um domínio da realidade (e.g., estrutura, instituição), o centro de atenção sistemático

¹Para manter o mesmo senso etimológico do termo interessamento (detalhado mais adiante), adaptamos do termo francês *désintéressement*.

da teoria ator-rede está em unir múltiplos heterogêneos (McLean & Hassard, 2004, Nicolini 2009). Portanto, reconhece-se a participação de humanos e não-humanos em simetria analítica com o objetivo de entender como as relações entre eles são traduzidas, ou seja, como alguns tipos de entidades passam a representar outras (Greener, 2006).

É importante notar que o termo atuante (*actant*) indica qualquer coisa que atue no sistema relacional, e ator significa “o que é feito como fonte de uma ação” (Latour, 1992, p. 177). Ao resgatar os termos em seu sentido semiótico, estes não se limitam apenas a seres humanos e, portanto, não possuem relação com a definição sociológica do termo ator, em oposição a mero comportamento (Latour, 2005). Nesse sentido, ao considerar as múltiplas vozes que compõem a tecitura de uma rede relacional, amplia-se a análise para além de uma compreensão antropocêntrica da realidade (Latour, 2004).

Assim, a sociologia da tradução, como uma proeminente linha de estudos da ANT (Wæraas & Nielsen, 2016), auxilia a explicar de maneira inovadora as relações em ambientes desafiadores (Luoma-aho & Paloviita, 2010). Em outras palavras, possibilita um entendimento amplo e simétrico das redes de relações e suas (trans)formações, ao (i) enfatizar a importância da negociação de papéis, de identidades e de interesses (em processos de tradução) e (ii) reconhecer as entidades não humanas como partes essenciais desses processos.

Callon (1986) teorizou o processo de tradução ao analisar as relações entre múltiplos atuantes, como pesquisadores, pescadores, coletores e ostras na Baía de *Saint-Brieuc* na França. Devido a uma série de deslocamentos imprevisíveis, o autor descreveu sistematicamente o processo de tradução e detalhou o papel de todos os atuantes (humanos e não-humanos) envolvidos como resultado de várias transformações relacionais. Neste sentido, a tradução vai além da simples substituição ou representação de atores (atuantes) por outros atores em que um simplesmente assume o lugar do outro. O processo envolve expressar o que os outros dizem e querem, por que agem da maneira que fazem, e como se associam uns aos outros.

Diante disso, Callon (1986, p. 19) afirma que traduzir “é estabelecer-se como um porta-voz”. Ou simplesmente tornar-se um ator como efeito do processo relacional, no qual as identidades e os interesses dos múltiplos atuantes estão sob constante negociação e em busca da estabilização (Greener, 2006). Embora essa estabilização seja crucial para a estruturação das relações de poder, são as “lutas” sobre identidades e interesses que podem ser estudadas empiricamente (Bergstrom & Diedrich, 2011).

DETALHANDO O PROCESSO DE TRADUÇÃO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Em função da diversidade de contextos, fenômenos e objetivos, a abordagem da tradução tem se mostrado uma lente analítica versátil para pesquisadores em estudos organizacionais (Cochoy, 2014). De maneira ampla, a perspectiva da tradução permite uma abordagem processual de um fenômeno, pois envolve sistematicamente elementos em negociação, mobilização ou transporte.

Wæraas e Nielsen (2016) identificaram três desdobramentos principais da sociologia da tradução nos estudos organizacionais: (i) teoria ator-rede, (ii) teoria baseada no conhecimento, e (iii) institucionalismo escandinavo. No que se refere a abordagem com bases na teoria ator-rede (ANT), em enfoque no presente estudo, Wæraas e Nielsen (2016) sugerem que a tradução possui três significados (não-excludentes e complementares): (i) o significado político: processo complexo de negociação durante o qual significados, reivindicações e interesses mudam e ganham terreno, frequentemente envolvendo atos de persuasão, jogos de poder e manobras estratégicas; (ii) o significado geométrico: mobilização de atuantes humanos e não humanos em direções diferentes, (iii) o significado semiótico: a transformação do significado que ocorre durante o movimento da rede-ator em questão.

No estudo seminal desta abordagem, Callon (1986) sugere quatro momentos para explicar o processo de tradução, nomeadamente: (i) problematização; (ii) interessamento (*interessment*); (iii) envolvimento (*enrolment*); (iv) mobilização. Ao longo deste processo, a identidade dos atuantes, as possibilidades de interação e as margens de manobra são negociadas (Bruce & Nyland, 2011).

No momento de **problematização**, Callon (1986) descreve o primeiro movimento de como atores se tornam indispensáveis na rede da qual fazem parte. Pressupõe-se que há uma alteração na rede de relações induzida/motivada pela (i) participação de novas entidades, (ii) movimento espaço-temporal e/ou mudança geométrica de uma rede já estabelecida, e (iii) necessidade de forjarem-se novas relações. Em virtude desta mudança relacional, um assunto ou uma questão que perturba (ou que passa a perturbar) o sistema relacional precisa ser estabilizado (ainda que provisoriamente) (Luoma-aho & Paloviita, 2010).

Ainda de maneira introdutória, o objetivo desse primeiro momento é estabelecer os atuantes da rede de relações e definir as identidades de cada um em convergência a um ponto de passagem obrigatório (*obligatory passage point*). Em outras palavras, esse momento refere-se aos esforços de um atuante (ou alguns atuantes) para convencer outros a adotarem a sua visão (Alcouffe, Berland & Levant, 2008) e, assim, definir as identidades e os interesses dos outros, os quais se quer envolver e falar em seus nomes (Bergstrom & Diedrich, 2011).

O segundo momento do processo de tradução refere-se ao **interessamento**² (Callon, 1986), em que se busca estabilizar a posição dos atores. Neste momento do processo, os atores identificados e os relacionamentos previstos na problematização ainda não foram testados. Ou seja, apesar de haver um cenário relacional pré-planejado (na problematização), este será testado, ajustado ou refutado apenas no interessamento (Akrich et al., 2002). Isso quer dizer que há espaço para que as entidades previamente identificadas (i) possam integrar-se ao plano problematizado, ou (ii) se recusem a participar (total ou parcialmente), do processo de tradução, definindo suas identidades, orientações, motivações e interesses em outras direções (Dambrin & Robson, 2011).

O interessamento implica, portanto, em tentativas de um ator (atuante) para convencer os outros de que os interesses que ele definiu para eles estão alinhados com seus próprios interesses (Bergstrom & Diedrich, 2011). Neste caso, não se trata de um processo direto de aceite ou recusa, e uma variedade de estratégias e mecanismos de persuasão podem ser adotados (Luoma-aho & Paloviita, 2010), uma vez que a identidade e a “geometria” das relações podem ser modificadas ao longo deste momento. Em geral, as ofensivas para interessar os outros devem ser vistas como tentativas de definir e impor formas contingentes de ordem social por um (conjunto de) atuante (s) específico (s) (Callon & Law, 1982).

No momento de **envolvimento** (*enrolment*), o terceiro do processo de tradução em Callon (1986), busca-se definir e coordenar os papéis dos outros atores. O envolvimento, distanciando-se de um olhar funcionalista, não implica e nem exclui a possibilidade de haver papéis pré-estabelecidos, pois designa um movimento pelo qual um conjunto de papéis inter-relacionados é definido e atribuído aos atores que os aceitam (Bergstrom & Diedrich, 2011).

O momento de envolvimento (*enrolment*) está particularmente relacionado a como a ordem provisória, proposta anteriormente, é alcançada (Callon & Law, 1982). Os envolvidos (*enrolled*) são entendidos como aqueles que tiveram seus papéis e interesses construídos ou traduzidos, e então, passaram a entender a situação em conformidade com os termos (e.g., papéis, identidades, interesses, objetivos) que os conectam com a rede de relações (Whittle & Spicer, 2008).

O quarto momento refere-se à **mobilização** de aliados no arranjo relacional. Neste movimento de estabilização, uma série de intermediários e equivalências leva à designação de um porta-voz (Bergstrom & Diedrich, 2011). Ao tomar a voz e falar em nome dos diversos atuantes, o ator-representante acaba por reforçar os papéis, identidades e objetivos previamente negociados, os quais passam a compor uma questão de indiferença. Assim que for alcançado um consenso, as margens de manobra de cada entidade serão fortemente delimitadas.

Neste momento final, “a rede pode atuar como uma única unidade, que pode ser distinguida do seu ambiente como um objeto (ator-rede) com sua própria identidade consistente” (Callon & Law, 1997, p. 170). Contudo, sua estabilidade não advém apenas da ligação entre elementos, porque cada entidade constitui uma rede em si, de modo que qualquer mudança nas entidades de uma rede-de-atores gera transformações na própria rede (Sayes, 2014). Portanto, mesmo que convergências sejam alcançadas, elas são sempre frágeis, precárias e transitórias (Greener, 2006).

Nem sempre o processo de tradução ocorre da maneira pretendida, ou ainda, após uma tradução (temporariamente) bem-sucedida, algo ou alguém pode romper com a rede. Por exemplo, Bergstrom e Diedrich (2011) apontaram o movimento de dissidência, em que atuantes não seguiram os caminhos (papéis e identidades) que lhes haviam sido (relacionalmente) imputados. Outras formas de “imperfeição” na tradução são (i) o contra envolvimento (*conter-enrolment*), baseado em uma disputa para definir a problematização em torno da qual essa rede de relações mobilizar-se-á (Vickers & Fox, 2005), e (ii) o processo de dissociação (*disentanglement*), em que após mobilizada a rede de relações, atores (atuantes humanos ou não-humanos) tentam se desassociar da “entidade feita ator” que as mobilizou anteriormente (Greener, 2006).

Por fim, cabe salientar que, ao invés de quatro momentos separados, linearmente sequenciados, a abordagem da tradução considera o desenvolvimento de qualquer rede de relações um processo complexo com progressões múltiplas, cumulativas

² Callon (1986) justifica a escolha do termo *interessamento* pelo significado etimológico, ou seja, estar interessado significa ‘estar entre’, ser arquivado.

e conjuntivas de atividades convergentes, paralelas e/ou divergentes (Alcouffe et al., 2008) As distinções entre os quatro momentos não são dadas imediatamente *a priori* e não implicam em uma diferenciação temporal implícita (Bergstrom & Diedrich, 2011). No entanto, como heurísticas analíticas ou conceitos sensibilizadores (Whittle & Spicer, 2008), esses momentos ajudam a descrever o processo complexo pelo qual os atores/atuantes foram estruturados em uma rede de relação, levando-os a aceitar o sistema relacional em que vozes são silenciadas, e atores são forjados (Bruce & Nyland, 2011).

METODOLOGIA

Nesta investigação, nós buscamos explorar como líderes de três países estabeleceram relações para tomar a voz do novo coronavírus e falar em seu nome, o que Callon (1986) chamou de ‘desinteressamento’ (*interesement*). Nesse processo de análise, ficamos atentos, de forma simétrica, à participação do novo coronavírus no processo de tradução. Para cumprir a visão simétrica, (i) tratamos o novo coronavírus como um fato social (Latour, 2000), (ii) abordamos o processo de tradução como uma troca de propriedades entre atuantes humanos e não humanos (Hawkins, 2015), (iii) acompanhamos empiricamente o processo de negociação de papéis e identidades entre os atuantes (Latour, 2005).

O novo coronavírus causou uma pandemia (OMS, 2020) com mais de 5 milhões de pessoas infectadas no mundo até 20 de maio de 2020 e impactou na organização de diferentes sistemas sociais (Gudi & Tiwari, 2020). Portanto, devido aos seus efeitos, o novo coronavírus torna-se um caso extremo de participação não humana e, portanto, um espaço privilegiado de teorização. Em termos teóricos, o envolvimento do atuante não humano (i.e., novo coronavírus) desestabiliza relações, identidades e papéis que ficam expostos à teorização (Latour, 2005), isto é, por sofrer modificações (renegociações), estes podem ser rastreados pelo observador.

Além disso, a escolha de Brasil, Itália e Estados Unidos para compor o conjunto de países em estudo foi motivada (i) pelo número expressivo de casos e óbitos em cada país (OMS, 2020), (ii) pela dificuldade política em tratar a situação do novo coronavírus (Greer, King, Fonseca & Peralta-Santos, 2020); (iii) pela ilustração de diferentes realidades, localidades e temporalidades de conhecimento e ação sobre a pandemia da COVID-19 (Pisano, Sadun & Zanini, 2020). Portanto, apesar de serem casos extremos de proliferação de vírus, esses casos permitiram uma análise dos sistemas relacionais em (des)arranjo, o que trouxe um potencial de teorização único. As relações anteriores que eram estabilizadas e invisíveis para o observador, agora podem ser abordadas em processos explicativos inovadores.

Inicialmente, para cobrir a trajetória espaço-temporal do vírus, incluímos a República da China em nosso estudo. No entanto, como o Estado controla a mídia e restringe o acesso ao discurso direto de seus representantes nos sites oficiais do governo chinês (ao contrário dos demais países analisados), excluímos esse país de nossa análise.

No que se refere à coleta de dados, analisamos as declarações oficiais do líder de cada país, bem como entrevistas com veículos de comunicação e postagens em suas contas oficiais nas redes sociais. Com base na ANT, entendemos esses representantes como porta-vozes. Portanto, não são atores (no sentido individual, autônomo e voluntarista), mas os efeitos de inúmeras traduções anteriores, que foram (mais ou menos) estabilizadas. Nas palavras de Callon e Latour (1981), esses representantes são “micro-atores sentados em muitas caixas pretas” (Callon & Latour, 1981, p. 286), em que múltiplas relações sociotécnicas anteriores se tornaram uma questão indiferente para seus participantes.

Os pronunciamentos oficiais foram acessados por meio dos sites oficiais e contas de mídia social (por exemplo, *twitter* e *youtube*) de cada governo, que apresentam vídeos e transcrições das declarações na íntegra. Como critérios de inclusão, consideramos os eventos (postagens, entrevistas e depoimentos) direta e expressamente relacionados aos termos novo coronavírus, pandemia e/ou COVID-19. O período de desenvolvimento do estudo inicia-se em 21 de janeiro de 2020 – com o primeiro diagnóstico da COVID-19 em um dos países pesquisados (Estados Unidos) - e se estende até 20 de maio de 2020, com base na saturação teórica do fenômeno a ser analisado, uma vez que não emergiram novos *insights* teóricos após este período. A análise de dados com base na ANT é uma forma de engajamento com o mundo (Bussular, Burtet & Antonello, 2019), e envolve o reconhecimento do emaranhado de relações que se estabelece entre os atuantes. Por essas razões, não conduzimos análises de dados guiadas por métodos estruturalistas de linguagem (e.g., narrativas ou discurso). Essas técnicas acabam priorizando as falas dos atores humanos, dando pouco espaço para teorizações que reconheçam o não-humano e o efeito mediado de sua participação. Portanto, sem nos limitarmos a uma análise estática e descontextualizada dos depoimentos (ver Rantaraki & Vaara, 2017), estamos interessados em compreender o emaranhado de relações heterogêneas que se expressam por meio deles. Elaboramos no seguinte quadro (Quadro 1), o detalhamento dos dados analisados neste período:

Quadro 1
Fontes de dados (21 jan. 2020 - 20 maio 2020)

Fontes de Dados	Brasil	Itália	Estados Unidos
Pronunciamentos oficiais a nação	8	19	3
Postagens em mídias sociais	230	138	237
Entrevistas e coletivas de imprensa	11	17	53

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base no material coletado, a análise dos dados foi conduzida de forma temática e indutiva (e.g., Alcouffe et al., 2008), em que as próprias categorias emergem dos dados empíricos ao longo do processo. A partir da ANT, o fluxo de associação (relações) só é rastreável quando está em movimento (Latour, 2005); portanto, o foco analítico está na transformação e não na estabilidade (Camillis & Antonello, 2016). Especificamente, com base na perspectiva da tradução, estivemos particularmente atentos (sensíveis) em (i) entender como os líderes dos países pesquisados procuraram falar em nome do novo coronavírus, (ii) perceber as mudanças na postura e direção dos atores humanos quanto aos papéis e comportamentos previamente enunciados (interessados) ao atuante não humano; (iii) compreender a dimensão da ação/participação do novo coronavírus em detrimento das ofensivas em silenciá-lo (falar em seu nome).

Por fim, realizamos a análise e a teorização em conjunto entre os países, em que nem todos os elementos críticos são necessariamente comparados par a par (ou seja, análise comparativa de casos). Neste estudo, a teorização emergiu da análise sintetizada das alterações articulares nessas localidades devido à participação do não humano (ou seja, novo coronavírus) e ao processo de tradução em curso. Assim, todas as informações coletadas, mesmo as (possivelmente) mais inexpressivas postagens em mídias sociais, por exemplo, nos forneceram uma gama de entidades e relações para explicar os porquês e os motivos dos cursos de ação.

O novo coronavírus em poucas palavras

Os primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus foram identificados na província chinesa de Wuhan, capital de Hubei, em dezembro de 2019. A Doença do Corona Vírus - COVID-19 é uma doença viral causada pelo SARS-CoV-2 - Síndrome Respiratória Aguda do Coronavírus 2, e afeta principalmente o sistema respiratório humano. Em 30 de janeiro de 2020, dada a rápida taxa de transmissão, as características de sua propagação e as complicações da doença, a OMS decretou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o maior alerta de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional (OMS, 2020).

Embora o novo coronavírus já estivesse em ampla circulação, foi somente em 11 de fevereiro de 2020 que a doença por ele causada foi tecnicamente classificada e denominada COVID-19. Em 11 de março de 2020, a situação de uma pandemia – a disseminação de uma nova doença em todo o mundo - foi decretada pela OMS. Com o surgimento exponencial de casos confirmados e óbitos em muitos países, a OMS preconizou o distanciamento social como estratégia para conter a disseminação do vírus diante das reais possibilidades de colapso em diversos sistemas de saúde em todo o mundo. Além disso, foram observados efeitos nos sistemas econômicos, esportivos, sociais, políticos e, sobretudo, nos sistemas de saúde (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

O primeiro caso italiano da COVID-19 foi registrado em 31 de janeiro de 2020, em Codogno, na Lombardia, região norte do país (Pisano et al., 2020). Inicialmente, essa região foi a mais afetada, depois se espalhando para outras cidades italianas. Situação semelhante foi observada nos Estados Unidos, que confirmou seu primeiro caso alguns dias antes, em 24 de janeiro de 2020 (*Centers for Disease Control and Prevention* [CDC], 2020). Nos dois países, os infectados passaram por Wuhan, o epicentro da pandemia na China. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos que visitou a região da Lombardia, Itália (Ministério da Saúde, 2020).

Nesse contexto, exploramos como os líderes desses três países buscaram impor uma identidade e um papel ao novo coronavírus, conforme discutiremos na seção seguinte.

RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos uma análise longitudinal dos movimentos e transformações relacionais entre os atores envolvidos na rede, com destaque para as tentativas de governantes do Brasil, Itália e Estados Unidos de assumirem a voz do novo coronavírus (ator mudo em Callon, 1986) e falar em seu nome. Essa análise permitiu teorizar sobre o processo de *desinteressamento*. Nesse processo, detalhamos a dificuldade de negociação dos atores humanos (e as redes relacionais que os sustentam) em impor um papel “estabilizado” ao novo coronavírus e mobilizá-lo.

Observamos quatro movimentos das autoridades estudadas na imposição de um papel definitivo ao novo coronavírus, a saber: (i) subjugação, (ii) domesticação, (iii) acomodação, (iv) incorporação. Ressalta-se que esses movimentos são esforços analíticos (Whittle & Spicer, 2008) e, portanto, não estão objetivamente separados na realidade, uma vez que se aninham, se complementam e se impactam.

O primeiro movimento, denominado de **subjugação**³, está temporalmente alinhado com a chegada do novo coronavírus em cada país. Nesse momento, poucas pessoas haviam sido infectadas e a ação do vírus (aparentemente) não era problemática. Ou seja, a rede relacional estava (mais ou menos) estabilizada antes da participação do novo coronavírus. No Quadro 2, apresentamos as principais declarações dos líderes nesse primeiro movimento:

Quadro 2
Movimento de Subjugação

Dimensão	EUA	Brasil	Itália
Subjugar: Silenciando o não-humano	Temos tudo sob controle. É uma pessoa vindo da China, e nós temos isso sob controle. Vai ficar tudo bem (Donald Trump, 22 de janeiro de 2020).	Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga [...] (Jair Messias Bolsonaro, 10 de março 2020).	Podemos tranquilizar todos os cidadãos, a situação está sob controle (Giuseppe Conte, 30 de janeiro de 2020).
	Parece que em abril, você sabe, em teoria, quando fica um pouco mais quente, milagrosamente vai embora (Donald Trump, 10 de fevereiro de 2020).	Não sou médico, não sou infectologista. O que eu ouvi até agora [é que] outra gripe matou mais do que esta (Jair Messias Bolsonaro, 11 de março de 2020).	Confirmamos que a situação está sob controle, estamos confiantes de que manteremos os dois casos sob controle. Os italianos podem levar uma vida normal (Giuseppe Conte, 01 de fevereiro de 2020).

Fonte: Dados de depoimentos, postagens e entrevistas.

No Quadro 2, podemos observar que existe uma tentativa direta (não necessariamente intencional) de silenciar o vírus, falar em seu nome e manter a estabilidade relativa da rede em questão. Os dirigentes tentaram: (i) minimizar a ação do vírus, por exemplo, “outros resfriados mataram mais” ou “é muito mais fantasia”, (ii) impor uma duração (breve) a ele, como na passagem “em abril [...] desaparece milagrosamente”, e (iii) mantém a convergência e estabilidade da rede, como em “os italianos podem levar uma vida normal” ou mesmo “está tudo sob controle”.

O papel de ‘tranquilizar’ e ‘manter a estabilidade’, desempenhado por atores humanos, complementa o movimento de subjugação. Nesse caso, as ofensivas buscam tornar a ação do vírus uma questão de indiferença ou irrelevância e manter a geometria relacional inalterada, com pouco ou nenhum movimento (ação) dos atores humanos.

No entanto, o novo coronavírus manteve sua trajetória de expansão (infecção), com o aumento de sua transmissão local⁴ e os primeiros casos de óbito. Nesse processo, verificamos o segundo movimento dos líderes, que chamamos de **domesticação** (ver Quadro 3).

³ Adotamos o rótulo de subjugação em referência ao processo em que a liberdade de uma entidade é dirigida de forma restrita e autodisciplinada (ver Knights & Willmott, 1989).

⁴ Quando a contaminação ocorre pelo contato com alguém infectado em outro país (OMS, 2020).

Quadro 3
Movimento de domesticação

Dimensão	EUA	Brasil	Itália
Domesticar: controlar o não- humano sob a supremacia humana	Algumas pessoas terão isso em um nível muito leve e nem irão a um médico ou hospital, e ficarão melhores. Há muitas pessoas assim (Donald Trump, 04 de março de 2020).	Raros são os casos fatais, de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade (Jair Messias Bolsonaro, 24 de março de 2020).	Nós adotamos, temos sempre dito e eu confirmo, uma linha de máxima precaução. Somos, no âmbito dos países ocidentais onde obviamente os padrões de cuidados de saúde são os mais elevados, somos o país que adotou as medidas mais garantidas [...] mais eficazes e de máxima segurança (Giuseppe Conte, 22 de fevereiro de 2020).
	Estamos preparados e estamos fazendo um ótimo trabalho com isto [o vírus]. E isto vai embora. Apenas fique calmo. Isto vai embora (Donald Trump, 10 de março de 2020).	[...] Se eu fosse contaminado pelo vírus, [eu] não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...] (Jair Messias Bolsonaro, 24 de março de 2020).	O nosso sistema de saúde é excelente, as nossas medidas de cautela são de máximo rigor e confiamos que, em virtude da combinação de um sistema de saúde de excelência e de uma linha de política de saúde de máximo rigor, nos próximos dias produziremos um efeito de contenção do vírus (Giuseppe Conte, 25 de fevereiro de 2020).

Fonte: Dados de depoimentos, postagens e entrevistas.

Nesse segundo movimento, denominado domesticação em referência ao termo de Callon (ver por exemplo, Callon, 1986; Munro, 2012), percebemos que os líderes buscavam demonstrar controle sobre o vírus, ao invés de negar seus efeitos (como no movimento de subjugação). Por meio do Quadro 3 verificamos (i) a tentativa de segmentar a ação do vírus quanto à intensidade de seus efeitos nas pessoas, tais como: “algumas pessoas o terão em um nível muito leve”, “raros são os casos fatais” ou “se estava afetado pelo vírus, [...] não sentia nada ou seria quando muito afetado por um pouco de gripe ou um pouco de resfriado”.

Neste segundo movimento, no que se refere às (re)ações humanas, ao invés de uma questão de indiferença ou irrelevância (como no momento anterior), os dirigentes (ii) têm demonstrado a necessidade de preparação e ação para lidar com o vírus, para exemplo, “Estamos preparados” ou mesmo “[...] adotamos [...] uma linha de extrema cautela”. Dessa forma, ao contrário do movimento de subjugação, há uma necessidade de uma real mobilização de atores humanos para conter o vírus. A ação humana, neste segundo movimento, é apresentada como planejada, racional, programada e então implementada, indicando a total normalidade do discurso dos líderes à lógica racional da resolução de problemas.

Um terceiro elemento que identificamos neste movimento foi (iii) a tentativa de significar o argumento da supremacia humana, no sentido de que, mesmo com efeitos reais, eles (efeitos) estão sendo resolvidos pela ação humana intencional, como, “*nós estamos fazendo um ótimo trabalho com isso. E vai embora*” ou “*vamos produzir um efeito de contenção do vírus*”. Ou seja, existe a (tentativa) de domesticação (Callon, 1986), que se dá pela ação intencional de seres humanos que exercem seu poder sobre os não humanos (e.g., os animais).

Em um terceiro período, o vírus se espalha por transmissão comunitária⁵, quando não é mais possível rastrear a cadeia de contaminação, e os casos de infecção e morte crescem geometricamente. Nesse processo, identificamos o movimento nomeado como **acomodação**, que apresentamos no Quadro 4:

Quadro 4
Movimento de Acomodação

Dimensão	EUA	Brasil	Itália
Acomodar: conter o não humano, em temor ao impacto humano	Este é o esforço mais agressivo e abrangente para enfrentar um vírus estrangeiro na história moderna. Estou confiante de que, contando e continuando a tomar essas medidas difíceis, reduziremos significativamente a ameaça a nossos cidadãos e derrotaremos o vírus de maneira definitiva e rápida (Donald Trump, 11 de março de 2020).	Estou ciente da minha responsabilidade, o vírus veio de fora, para dentro. Temos que buscar uma solução para minimizar as consequências do vírus aqui no Brasil. Vão morrer gente? Vai morrer gente. Como tem morrido algumas pessoas [...] (Jair Messias Bolsonaro, 30 de março de 2020).	Vamos avaliar medidas extraordinárias (Giuseppe Conte, 22 de fevereiro de 2020).
	Este é um vírus muito contagioso. Mas é algo sobre o qual temos um tremendo controle (Donald Trump, 15 de março de 2020).	O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz (Jair Messias Bolsonaro, 31 de março de 2020).	Nossos hábitos precisam mudar, precisam mudar agora, todos nós precisamos desistir de alguma coisa pelo bem da Itália [...] (Giuseppe Conte, 09 de março de 2020).

Fonte: Dados de depoimentos, postagens e entrevistas.

Neste terceiro movimento, os líderes não podem mais negar, minimizar ou ter controle total (intencional e não problemático) sobre o novo coronavírus (e.g., movimentos de subjugação e domesticação). Portanto, é necessário acomodá-lo, no sentido de (i) administrar seus (inegáveis) efeitos, como em: *“Temos que encontrar uma solução para minimizar as consequências do vírus aqui no Brasil”*.

Além disso, percebemos que ao contrário de muitas das declarações feitas por esses mesmos líderes nos movimentos anteriores, (ii) há uma narrativa que começa a destacar a força e o poder do novo coronavírus, como *“Isso é um vírus muito contagioso”* ou *“O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele”*. E, conseqüentemente, (iii) a busca por mostrar uma (re) ação a partir dessa “realidade”, como em *“Vamos avaliar medidas extraordinárias”* ou *“Este é o esforço mais agressivo e abrangente para enfrentar um vírus estrangeiro da história moderna”*.

Verificamos ainda que a rede relacional antes da participação do vírus se desestabilizou, exigindo (iv) a mudança nos padrões de comportamento dos indivíduos (seres humanos da rede), por exemplo, *“Nossos hábitos precisam mudar, precisam mudar agora, nós todos precisamos abrir mão de alguma coisa”*. E, portanto, o movimento de acomodação é caracterizado por inúmeros esforços para conter a ação e propagação do vírus com medo de seu impacto sobre as pessoas e sua rede (e.g., famílias, organizações, governos, populações).

Por fim, dada a recalcitrância do novo coronavírus em permanecer em sua trajetória de expansão (aumento de infecções, aglomeração de unidades de saúde e crescimento de óbitos), notamos um quarto movimento em que a ação do vírus se torna **incorporado** (em referência a Barad, Visão pós-humanista de 2003) a situações extremas ou incontroláveis, conforme detalhado no Quadro 5:

Quadro 5
Movimento de incorporação

Dimensão	EUA	Brasil	Itália
Incorporar: agrupar o não-humano a coisas para (re) significar sua participação	Temos um inimigo invisível (Donald Trump, 16 de março de 2020).	[...] agora estamos diante do maior desafio da nossa geração (Jair Messias Bolsonaro, 31 de março de 2020).	É a crise mais difícil que o país está vivendo após a Segunda Guerra Mundial (Giuseppe Conte, 21 de março de 2020).
	Eu vejo isso como, em certo sentido, um presidente de guerra (Donald Trump, 18 de março de 2020).	Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias que perderam seus entes queridos nesta guerra que estamos enfrentando (Jair Messias Bolsonaro, 08 de abril de 2020).	Hoje decidimos dar outro passo, a decisão tomada pelo governo é aquela de fechar, em todo o território nacional, toda a atividade produtiva que não seja estritamente necessária, crucial, indispensável para garantir bens e serviços essenciais (Giuseppe Conte, 21 de março de 2020).
	Com a coragem de nossos médicos e enfermeiros, com a habilidade de nossos cientistas e inovadores, com a determinação do povo americano e com a graça de Deus, NÓS VENCEREMOS ESTA GUERRA. Quando alcançarmos essa vitória, emergiremos mais fortes e mais unidos do que nunca! (Donald Trump, 28 de março de 2020).	Ainda não existe comprovação científica, mas sendo monitorada e usada no Brasil e no mundo. Contudo, estamos em Guerra: <i>“Pior do que ser derrotado é a vergonha de não ter lutado”</i> (Jair Messias Bolsonaro, 20 de maio de 2020).	Neste momento, devemos resistir, porque somente deste modo conseguiremos nos proteger e proteger as pessoas que amamos (Giuseppe Conte, 21 de março de 2020).

Fonte: Dados de depoimentos, postagens e entrevistas.

A partir do Quadro 5 podemos notar que (i) ao vírus é atribuído um papel qualificado, como em *“temos um inimigo invisível”*, ou ainda *“o maior desafio da nossa geração”*. Além disso, (ii) a situação é descrita pelas circunstâncias da guerra de forma metafórica-comparativa - *“É a crise mais difícil [...] depois da Segunda Guerra Mundial”*, ou direto - *“estamos em guerra”*; *“nesta guerra que enfrentamos”*. A gravidade da situação, representada nestas citações, é agora reconhecida pelos dirigentes perante a impossibilidade de controlar e conter a expansão do não humano (movimentos anteriores), sugerem a necessidade de *“resistir [...] para proteger a nós mesmos e as pessoas que amamos”*.

Em termos de rede, identificamos que (iii) a transformação do sistema passou a ser atribuída à ação causal do vírus. Ou seja, como a estabilidade relacional foi comprometida, exige-se um esforço, como *“fechar em todo o território nacional, toda a atividade produtiva”* para chegar a um novo estágio de estabilização (também provisório e frágil). Nesse caso, não é o fim do processo de tradução, mas outra ofensiva de interesse (Akrich et al., 2002; Callon, 1986), que, diante da situação, (iv) exige a participação de forças divinas (por exemplo, *“com a graça de Deus”*) ou forças sobre-humanas (e.g., *“um presidente em tempo de guerra”*).

Neste quarto movimento, descrevemos como os atores humanos começaram a incorporar a ação do vírus em fenômenos extremos para justificar suas posições, seus papéis e suas ações. Essa forma de inscrição é uma forma alternativa de interesse quanto à impossibilidade de silenciar o vírus no processo de tradução e sua resistência aos papéis (pré) determinados anteriormente.

Por fim, deve-se enfatizar que o processo teórico de desinteresse não deve ser lido como uma troca ou negociação direta – em termos de causa e consequência – entre humanos (presidentes) e não humanos (o vírus), visto que há uma multiplicidade maior de redes, atuantes e interesses em jogo. No entanto, o caso do novo coronavírus nos fornece elementos para descrever como um micro ator não humano desestabiliza, afronta, desmonta e desautoriza toda uma rede cristalizada em torno de macro atores humanos. Isto é, como em Davi e Golias, metaforicamente; poder, tamanho e força não são suficientes para definir os designados da ação, que ganham caminhos tortuosos, efeitos relacionais inesperados e papéis e identidades indeterminados.

DISCUSSÕES

Por não se interessar pelas ofensivas dos líderes, o novo coronavírus mostrou que, ao desconsiderar a ação de atuantes não humanos (em simetria analítica) na rede, apenas uma compreensão parcial e limitada do fenômeno poderia ser alcançada. No período analisado, essa parcialidade ficou patente no fracasso do processo de tradução em que os líderes tentaram, em múltiplas tentativas, falar em nome do vírus, mas foram forçados (pelas relações desencadeadas pelo próprio vírus), a mudar seus discursos e o curso de suas ações.

A recalitrância do atuante não humano torna-se evidente quando os atores humanos (aqueles que têm voz na rede) precisam reconsiderar suas falas e ações, e/ou refazer as relações previamente (mesmo que parcialmente) estabilizadas devido à intolerância, desobediência ou permanência (sem qualquer atribuição de intenção ou vontade) dos efeitos do novo coronavírus no sistema relacional. No Quadro 6, detalhamos as tentativas para o interessamento do novo atuante ao longo de sua trajetória na rede. O desinteresse mostra que, apesar das múltiplas ofensivas dos macro atores, a participação do novo atuante não se estabilizou, ou seja, não se tornou uma questão de indiferença.

Quadro 6
Desinteressamento no processo de tradução

Movimento	Objetivo	Prova de Interesse
Subjugação	Silenciar outro atuante	(i) Minimizar os efeitos do novo atuante na rede. (ii) Impor uma duração na participação do novo atuante. (iii) Manter a estabilidade e convergência da rede.
Domesticação	Controlar outro atuante, mantendo a autoridade	(i) Segmentar e limitar a participação do novo atuante. (ii) Demonstrar preparação e conhecimento para lidar com os efeitos da participação do novo atuante. (iii) Dar significado e reforçar a autoridade do atuante humano sobre a rede.
Acomodação	Restringir o desempenho de outro atuante	(i) Gerenciar e reduzir os efeitos da inegável participação do novo atuante. (ii) Enfatizar o poder do novo atuante na rede, demonstrando a dificuldade em lidar com ele. (iii) Mostrar (re)ações apropriadas para lidar com uma nova realidade relacional. (iv) Alterar os padrões de comportamento anteriores dos atuantes na rede.
Incorporação	Incorporar o novo atuante a outros atuantes ou eventos para (re)enquadrar sua função e/ou identidade e justificar seus efeitos	(i) Atribuir uma função especializada ao novo atuante. (ii) Comparar e relacionar os efeitos da participação do novo atuante com circunstâncias de grande magnitude. (iii) Incorporar efeitos indesejados como ações causais diretas do novo atuante. (iv) Exigir a participação de forças extremas e superiores para lidar com a situação, tornando-a “humanamente incontrolável”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em termos teóricos, o processo de *desinteressamento* baseia-se na percepção de que o não humano (ou seja, novo coronavírus) (i) é ativo em termos de participação na rede, pois altera até mesmo planos e ações humanas no sistema, e (ii) tem recalitrância, uma vez que resistiu (por desinteresse) aos papéis que lhe foram impostos. Podemos entendê-lo como dois polos idealísticos de participação (ação) do atuante não humano, pois, na realidade, esses efeitos não são “puros” porque estão alinhados e aninhados com outros efeitos dos múltiplos heterogêneos que conformam a rede em questão. Portanto, esses polos (participação ativa e recalitrância) foram concebidos em caráter didático e não podem ser tomados como uma capacidade intencional, intrínseca e não problemática do ator não humano. Como nos lembra Lorino (2018, p. 81), “não pode haver teoria da sociomaterialidade sem teoria da ação mediada”. Assim, os efeitos da ação são distribuídos (Rammert, 2012; Sayes, 2014).

O processo de desinteressamento estende a literatura de tradução que não segue “caminhos bem-comportados” da problematização à mobilização. No Quadro 7, retratamos os processos de tradução “malsucedidos”. O termo malsucedido é utilizado em referência a processos de tradução que não atingiram o estágio de convergência e irreversibilidade indicado para a mobilização de atores (Cochoy, 2014).

Quadro 7
Mecanismo de/para traduções malsucedidas

Mecanismos de traduções “malsucedidas”	Autores	Definição
Contra-envolvimento	Vickers e Fox (2005)	Uma disputa entre atuantes para definir a problematização em torno da qual a rede será mobilizada.
Dissidência	Bergstrom e Diedrich (2011)	Alguns atuantes não seguem os caminhos (papéis e identidades) que tem sido (relativamente) atribuído a eles.
Dissociamento	Greener (2006)	Os atuantes tentam se desassociar da “entidade feita ator” que os mobilizou anteriormente.
Desinteressamento	Este estudo	Os atuantes resistem às ofensivas de outro (conjunto de) atuante(s) que tentam impor-lhes papéis ou identidades específicas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No processo de desinteressamento, mesmo que todos os atores estejam alinhados em torno de um problema, o interessamento por uma maior mobilização nunca é alcançado. Os papéis e a identidade atribuídos ao atuante não humano são anulados por sua recalcitrância em manter seu fluxo de ação, sem aceitar os “pontos de passagem obrigatórios” discursivamente impostos pelos macro atores do estudo.

O mecanismo de desinteressamento difere de outras teorizações em que também há um processo ativo de negociação e manipulação de interesses (e.g., contra-envolvimento), pois, neste caso, é a recalcitrância do atuante não humano que, fora do desinteresse, não desempenha o papel de interessado por atores humanos. Além disso, difere de teorizações que detalham a desestabilização e divergência na rede de relações (e.g., dissociamento e dissidência), uma vez que, neste caso, nenhum acordo ou alinhamento foi alcançado, para que posteriormente pudesse ser desfeito ou desarranjado.

Além disso, em simetria analítica, em vez de um processo de tradução bem-sucedido no qual os atores humanos falam em nome de outros – humanos e não humanos (e.g., Hawkins, 2015), nosso estudo demonstrou como o atuante não humano (ou seja, o novo coronavírus) resistiu e desordenou as reivindicações de controlá-lo. Assim, os efeitos decorrentes da participação do ator não humano, por “condições infelizes” (Latour, 2013), geram trajetórias indesejadas, desconstroem narrativas lineares, mudam comportamentos sociais e impedem aqueles que querem falar em seu nome.

CONCLUSÃO

Utilizamos a sociologia da tradução para compreender os processos relacionais com o propósito de revelar a participação de não humanos nas redes que se estabelecem nesses processos. Na situação de pandemia da COVID-19, em que o novo coronavírus assumiu um papel único para um ator não humano, descrevemos como líderes do Brasil, Itália e Estados Unidos procuraram tomar a voz do novo coronavírus, estabelecer um papel bem-comportado e falar em seu nome.

O período de ruptura da rede relacional coberto por este estudo abordou as tentativas dos atores humanos de assumirem autoridade sobre o “novo entrante”. Independentemente de haver alguma convergência e irreversibilidade (Cochoy, 2014) que podem ser alcançadas no futuro, a ruptura já estará transformada pelo processo de desinteressamento que trouxe essa realidade à tona.

Em termos de contribuição, ao sugerir o processo de desinteressamento, estamos agregando novos elementos teóricos aos poucos estudos que tratam da resistência no processo de tradução (como apontado por Whittle & Spicer, 2008). Além disso, narramos a participação do ator não humano, sem atribuir a ele capacidades humanas de intencionalidade, liberdade, voluntarismo ou reflexividade (Sayes, 2014) e sem legitimar os poderes hegemônicos na atuação (Whittle & Spicer, 2008).

Entretanto, mesmo sem cair em descrições absurdas (McLean & Hassard, 2004), verificamos que o vírus é mais do que “mero objeto” (Latour, 2000), pois ignorou as ofensivas para silenciá-lo, opôs-se às alegações que minimizaram seus efeitos, e recusou-se a interromper sua trajetória diante dos esforços humanos em impor-lhe um determinado papel.

No que diz respeito de uma agenda de pesquisa futura, embora tenhamos tratado explicitamente as declarações dos líderes, o caso traz à análise uma variedade de humanos (por exemplo, agentes da mídia, cientistas, políticos, oportunistas) e não humanos (testes, vacinas, dispositivos de proteção, tecnologias), com efeitos na organização de diferentes sistemas sociais (por exemplo, famílias, empresas, governos). Torna-se então um caso representativo em sua profundidade e extremo em seus efeitos para novas teorizações. Em oposição à coesão dos contextos em estudo, que trouxeram poder explicativo à nossa teorização, esforços futuros poderiam ser direcionados ao estudo do interessamento/desinteressamento do novo coronavírus em contextos nos quais sua participação se traduziu em formas de minimizar (relativamente) seus efeitos.

Por fim, acreditamos que o novo caso de coronavírus pode mobilizar estudos de organização para perspectivas mais processuais e pós-humanistas (ver Blok et al., 2020; Camillis & Antonello, 2016). Em particular, ao descentralizar o humano e posicioná-lo entre vários e atuantes heterogêneos, podemos trabalhar a participação não humana e a agência distribuída (Rammert, 2012). A deflação humana nas teorias sociais e organizacionais, dado o caso analisado e os resultados apresentados, vai além da questão analítico-simétrica e se torna uma questão moral urgente (Latour, 2000). Muitos tipos diferentes de não humanos participam e representam redes em sistemas organizacionais (Jensen, Sandström & Helin, 2009); portanto, ignorá-los em nossos processos teóricos e explicativos parece ser, moralmente, uma forma de ignorar nosso papel como teóricos sociais.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi parcialmente financiado pelo Código Financeiro 001 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Eduardo Guedes Villar e Rodrigo Seefeld). Agradecemos também aos membros do Grupo de Pesquisa em Estratégia e Tomada de Decisão da Universidade Federal do Paraná pelas contribuições nas versões anteriores do manuscrito.

REFERENCIAS

- Akrich, M., Callon, M., Latour, B., & Monaghan, A. (2002). The key to success in innovation part I: The art of interessement. *International Journal of Innovation Management*, 6(2), 187-206. Recuperado de <https://doi.org/10.1142/S1363919602000550>
- Alcouffe, S., Berland, N., & Levant, Y. (2008). Actor-networks and the diffusion of management accounting innovations: A comparative study. *Management Accounting Research*, 19(1), 1-17. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.mar.2007.04.001>
- Ali, I. (2020). The COVID-19 Pandemic: Making Sense of Rumor and Fear. *Medical Anthropology*, 39(5), 376-379. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/01459740.2020.1745481>
- Barad, K. (2003). Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. *Signs*, 28(3), 801-831. Recuperado de <https://doi.org/10.1086/345321>
- Bergström, O., & Diedrich, A. (2011). Exercising social responsibility in downsizing: Enrolling and mobilizing actors at a Swedish high-tech company. *Organization Studies*, 32(7), 897-919. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0170840611407019>
- Blok, A., Farias, I., & Roberts, C. (2020). *The Routledge Companion to Actor-Network Theory*. Abingdon, UK: Routledge.
- Bruce, K., & Nyland, C. (2011). Elton Mayo and the deification of human relations. *Organization Studies*, 32(3), 383-405. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0170840610397478>
- Bussular, C. Z., Burtet, C. G., & Antonello, C. S. (2019). The actor-network theory as a method in the analysis of Samarco disaster in Brazil. *Qualitative Research in Organizations and Management*, 15(2), 176-191. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/QROM-04-2017-1520>
- Callon, M. (1986). Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. *The Sociological Review*, 32(S1), 196-233. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1984.tb00113.x>
- Callon, M., & Latour, B. (1981). Unscrewing the big Leviathan: How actors macrostructure reality and how sociologists help them to do so. In K. Knorr-Cetina, & A. V. Cicourel (Eds.), *Advances in Social Theory and Methodology (RLE Social Theory): Toward an Integration of Micro- and Macro-Sociologies*. Abingdon, UK: Routledge.
- Callon, M., & Law, J. (1982). On interests and their transformation: enrolment and counter-enrolment. *Social Studies of Science*, 12(4), 615-625. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/284830>
- Callon, M., & Law, J. (1997). After the individual in society: Lessons on collectivity from science, technology and society. *Canadian Journal of Sociology*, 22(2), 165-182. Recuperado de <https://doi.org/10.2307/3341747>
- Camillis, P. K. D., & Antonello, C. S. (2016). From translation to enactment: contributions of the Actor-Network Theory to the processual approach to organizations. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(1), 61-82. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1679-395131412>
- Cavalcanti, M. F. R., & Alcadipani, R. (2013). Organizations as processes and Actor-Network Theory: John Law's contribution to Organizational Studies. *Cadernos EBAPE.BR*, 11(4), 556-568. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1679-39512013000400006>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2020). *First Travel-related Case of 2019 Novel Coronavirus Detected in United States*. Recuperado de <https://www.cdc.gov/media/releases/2020/p0121-novel-coronavirus-travel-case.html>
- Cochoy, F. (2014). A theory of 'agencing': On Michel Callon's contribution to organizational knowledge and practice. In P. S. Adler, P. Du Gay, G. Morgan & M. I. Reed (Eds.), *The Oxford handbook of sociology, social theory, and organization studies: Contemporary currents* (pp. 106-124). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Dambrin, C., & Robson, K. (2011). Tracing performance in the pharmaceutical industry: Ambivalence, opacity and the performativity of flawed measures. *Accounting, Organizations and Society*, 36(7), 428-455. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.aos.2011.07.006>
- Greener, I. (2006). Nick Leeson and the collapse of Barings Bank: Socio-technical networks and the 'Rogue Trader'. *Organization*, 13(3), 421-441. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350508406063491>
- Greer, S. L., King, E. J., Fonseca, E. M., & Peralta-Santos, A. (2020). The comparative politics of COVID-19: The need to understand government responses. *Global Public Health*, 15(9), 1413-1416. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1783340>
- Gudi, S. K., & Tiwari, K. K. (2020). Preparedness and lessons learned from the novel coronavirus disease. *The International Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 11(2), 108-112. Recuperado de <https://doi.org/10.34172/ijjoem.2020.1977>
- Gunia, A. (2020, março 23). Will the Coronavirus Ever Go Away? Here's What One of the WHO's Top Experts Thinks. *Time*. Recuperado de <https://time.com/5805368-will-coronavirus-go-away-world-health-organization/>
- Hawkins, B. (2015). Ship-shape: materializing leadership in the British Royal Navy. *Human Relations*, 68(6), 951-971. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0018726714563810>
- Jensen, T., Sandström, J., & Helin, S. (2009). Corporate codes of ethics and the bending of moral space. *Organization*, 16(4), 529-545. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350508409104507>
- Knights, D., & Willmott, H. (1989). Power and subjectivity at work: From degradation to subjugation in social relations. *Sociology*, 23(4), 535-558. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0038038589023004003>
- Latour, B. (1992). Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts. In W. Bijker, T. Hughes, & T. Pinch (Eds.), *The social construction of technological systems* (pp. 1-34). London, UK: MIT Press.
- Latour, B. (2000). When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences. *The British Journal of Sociology*, 51(1), 107-123. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2000.00107.x>
- Latour, B. (2004). *Politics of nature: How to bring the sciences into democracy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network theory*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Latour, B. (2013). *An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Latour, B. (2014). Agency at the Time of the Anthropocene. *New Literary History*, 45(1), 1-18. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/24542578>
- Law, J. (1992). Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. *Systems practice*, 5(4), 379-393. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/BF01059830>
- Law, J., & Singleton, V. (2005). Object lessons. *Organization*, 12(3), 331-355. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350508405051270>
- Lee, N., & Hassard, J. (1999). Organization unbound: Actor-network theory, research strategy and institutional flexibility. *Organization*, 6(3), 391-404. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/135050849963002>
- Luoma-aho, V., & Paloviita, A. (2010). Actor-networking stakeholder theory for today's corporate communications. *Corporate Communications*, 15(1), 49-67. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13563281011016831>
- McLean, C., & Hassard, J. (2004). Symmetrical absence/symmetrical absurdity: Critical notes on the production of actor-network accounts. *Journal of Management Studies*, 41(3), 493-519. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2004.00442.x>
- Ministério da Saúde. (2020). *COVID-19: Painel Coronavírus*. Recuperado de <https://covid.saude.gov.br/>
- Munro, R. (2012). Agency and “worlds” of accounts: Erasing the trace or rephrasing the action? In J. Passoth, B. Peuker, & M. Schillmeier (Eds.), *Agency without Actors? New Approaches to Collective Action* (pp. 67-86). London, UK: Routledge.
- O Antagonista. (2020, maio 07). *Para Mandetta, Bolsonaro queria ministro “mais alinhado com a visão econômica”*. Recuperado de <https://www.oantagonista.com/brasil/para-mandetta-bolsonaro-queria-ministro-mais-alinhado-com-a-visao-economica>
- Organização Mundial de Saúde. (2020). *WHO Timeline - COVID-19*. Recuperado de <https://www.who.int/news-room/detail/27-04-2020-who-timeline---covid-19>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). *Fact Sheet – COVID-19 (disease caused by the new coronavirus)*. Recuperado de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875
- Pisano, G. P., Sadun, R., & Zanini, M. (2020, março 27). Lessons from Italy's response to coronavirus. *Harvard Business Review*. Recuperado de <https://hbr.org/2020/03/lessons-from-italys-response-to-coronavirus>
- Rammert, W. (2012). Distributed agency and advanced technology: or how to analyze constellations of collective inter-agency. In J. Passoth, B. Peuker, & M. Schillmeier (Eds.), *Agency without Actors? New Approaches to Collective Action* (pp. 89-112). London, UK: Routledge.
- Rantakari, A., & Vaara, E. (2017). Narratives and processuality. In A. Langley, & H. Tsoukas (Eds.), *The Sage handbook of process organization studies* (pp. 271-285). Newcastle Upon Tyne, UK: Sage.
- Sayes, E. (2014). Actor–Network Theory and methodology: Just what does it mean to say that non-humans have agency? *Social Studies of Science*, 44(1), 134-149. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0306312713511867>
- Smith, S., Rose, M., & Hamilton, E. (2010). The story of a university knowledge exchange actor-network told through the sociology of translation: A case study. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 16(6), 502-516. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13552551011082470>
- Steen, J. (2010). Actor-network theory and the dilemma of the resource concept in strategic management. *Scandinavian Journal of Management*, 26(3), 324-331. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.scaman.2010.05.003>
- Tonelli, D. F. (2016). Epistemological origins and affiliations of the Actor-Network Theory: implications for organizational analysis. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(2), 377-390. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1679-395141596>
- Vickers, D., & Fox, S. (2005). ‘Powers in a factory’ in Actor-Network Theory and organizing. In B. Czarniawska & T. Hernes (Eds.), *Actor-Network Theory and Organizing* (pp. 129-144). Frederiksberg, Denmark: Copenhagen Business School Press.
- Whittle, A., & Spicer, A. (2008). Is actor network theory critique? *Organization Studies*, 29(4), 611-629. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0170840607082223>
- Woolgar, S., Coopmans, C., & Neyland, D. (2009). Does STS mean business? *Organization*, 16(1), 5-30. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350508408098983>
- Wæraas, A., & Nielsen, J. A. (2016). Translation theory ‘translated’: Three perspectives on translation in organizational research. *International Journal of Management Reviews*, 18(3), 236-270. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/ijmr.12092>
- Your Content. (2020, março 24). *Italian official says there are 10 time more COVID-19 cases than reported*. Recuperado de <https://www.yc.news/2020/03/24/italian-official-says-there-are-10-time-more-covid-19-cases-than-reported/>

Eduardo Guedes Villar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5005-4099>

Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB); Pós-doutorado em Estratégia e Análise Organizacional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: eduardogvillar@gmail.com

Karina De Déa Roglio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5256-8330>

Professora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Líder do Grupo de Pesquisa em Estratégia e Processo Decisório da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: karinaroglio@gmail.com

Marcos Vinícius Pereira Correa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8132-1097>

Professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Doutor em Estratégia e Análise Organizacional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: marcos.correa15@gmail.com

Rodrigo Seefeld

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5398-8807>

Doutorando em Administração da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: rodrigoseefeld@gmail.com